

01012 - OPORTUNIDADES GERADAS PELO AEROPORTO DO MONTIJO NO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO DE BASE LOCAL – O CASO DE PALMELA

José Lúcio¹, Bruno Pereira Marques², Nuno Quelhas Moita³

1 jmrl@fcsh.unl.pt, CICS.NOVA, Portugal

2 pereira-marques@fcsh.unl.pt, CICS.NOVA e Câmara Municipal de Palmela, Portugal

3 nmoita@cm-palmela.pt, Câmara Municipal de Palmela, Portugal

RESUMO

A atividade turística tem sido, nos últimos tempos, um sustentáculo crucial da capacidade exportadora do nosso País. Se atendermos às estatísticas mais recentes relativas ao Comércio Externo rapidamente notamos a influência do Turismo sobre a Balança Comercial, traduzida em saldos positivos no tocante ao domínio dos Serviços. Por outro lado, as expectativas para os próximos anos continuam a corresponder a cenários de crescimento entre moderado a forte da procura turística de base externa. Enquanto elemento condicionante da capacidade nacional de dar resposta a estes acréscimos encontra-se a questão estruturante das infraestruturas aeroportuárias da região de Lisboa. A recente assinatura do contrato para ampliação do aeroporto Humberto Delgado e para a construção de um aeroporto complementar localizado no Montijo, enquadra-se no domínio das estratégias de apoio ao desenvolvimento da atividade empresarial, com natural destaque para o turismo. Deste modo, urge reflectir sobre as oportunidades que se poderão apresentar, ao nível local, decorrentes do referido aumento da capacidade das estruturas aeroportuárias da região de Lisboa. A presente comunicação inscreve como objectivo fundamental a apresentação de um quadro prospectivo referente ao potencial de desenvolvimento da atividade turística num município (Palmela) da Área Metropolitana de Lisboa, situado nas proximidades do futuro aeroporto do Montijo. Em termos metodológicos, recorreremos às estatísticas mais recentes disponíveis e, em complemento, procederemos a um quadro de entrevistas seletivas a *stakeholders* locais com interesses na área da atividade turística, quer sejam agentes empresariais e associativos, quer sejam decisores no domínio da atividade política. Considerando as características do tecido económico de Palmela, e tendo em conta a necessidade de escolher um tipo de atividades mais directamente mobilizável para o aproveitamento das futuras oportunidades oferecidas pelo novo aeroporto (que, de acordo com os dados disponíveis, será, no essencial destinado a empresas do segmento *low cost*), a nossa análise irá privilegiar o potencial oferecido pela dinamização do denominado *Enoturismo*. Em termos de estrutura, a nossa comunicação abordará, num primeiro momento, o quadro de referência territorial do Município de Palmela, envolvendo a apresentação de dados sobre estrutura espacial, demografia, economia e setor vinícola, para, numa segunda etapa, (e tendo em linha de conta elementos recolhidos, quer estatísticos, quer decorrentes das entrevistas) proceder a uma discussão de uma possível estratégia de valorização dos recursos locais, no quadro da promoção do enoturismo no território de Palmela.

Palavras-chave: Aeroporto, Montijo, Palmela, Turismo

1. INTRODUÇÃO

A atividade turística tem sido, nos últimos tempos, um sustentáculo crucial da capacidade exportadora do nosso País. Se atendermos às estatísticas mais recentes relativas ao Comércio Externo rapidamente notamos a influência do Turismo sobre a Balança Comercial, traduzida em saldos positivos no tocante ao domínio dos Serviços. Por outro lado, as expectativas para os próximos anos continuam a corresponder a cenários de crescimento entre moderado a forte da procura turística de base externa. Enquanto elemento condicionante da capacidade nacional de dar resposta a estes acréscimos encontra-se a questão estruturante das infraestruturas aeroportuárias da região de Lisboa. A recente assinatura do contrato para ampliação do aeroporto Humberto Delgado e para a construção de um aeroporto complementar localizado no Montijo, enquadra-se no domínio das estratégias de apoio ao desenvolvimento da atividade empresarial, com natural destaque para o turismo (Cristureanu e Bobircă, 2007; Birch, 2011; Vaz *et al.*, 2014). Deste modo, urge reflectir sobre as oportunidades que se poderão apresentar, ao nível local, decorrentes do referido aumento da capacidade das estruturas aeroportuárias da região de Lisboa. A presente comunicação inscreve como objectivo fundamental a apresentação de um quadro prospectivo referente ao potencial de desenvolvimento da actividade turística num município (Palmela) da Área Metropolitana de Lisboa, situado nas proximidades do futuro aeroporto do Montijo. Em termos metodológicos, recorreremos às estatísticas mais recentes disponíveis e, em complemento, procederemos a um quadro de entrevistas seletivas a *stakeholders* locais com interesses na área da atividade turística, quer sejam agentes empresariais e associativos, quer sejam decisores no domínio da actividade política. Considerando as características do tecido económico de Palmela, e tendo em conta a necessidade de escolher um tipo de atividades mais directamente mobilizável para o aproveitamento das futuras oportunidades oferecidas pelo novo aeroporto (que, de acordo com os dados disponíveis, será, no essencial destinado a empresas do segmento *low cost*, Abrantes, 2010; Rodrigues, 2012; Brito, 2016), a nossa análise irá privilegiar o potencial oferecido pela dinamização do denominado *Enoturismo*. No território de Palmela coexistem diversas empresas vinícolas com importante afirmação em mercados nacionais e internacionais. Deste modo, a nossa comunicação assume como referencial metodológico a auscultação de atores associados a esta actividade.

Em termos de estrutura, a nossa comunicação abordará, num primeiro momento, o quadro de referência territorial do município de Palmela, envolvendo a apresentação de dados sobre estrutura espacial, demografia, economia e setor vinícola, para, numa segunda etapa, (e tendo em linha de conta elementos recolhidos, quer estatísticos, quer decorrentes das entrevistas) proceder a uma discussão de uma possível estratégia de valorização dos recursos locais, no quadro da promoção do enoturismo no território de Palmela. Chamamos a atenção para o facto de este ser um *Work In Progress*, pelo que as conclusões apresentadas representam uma primeira aproximação à questão central de investigação. Deste modo, em trabalhos futuros iremos desenvolver e com recurso a maior número de entrevistas a *stakeholders*, quer as interrelações entre grelha de efeitos (Button e Taylor, 2000) e oportunidades geradas para o território de Palmela, quer o quadro de potencialidades para o Enoturismo, decorrentes da construção do segundo aeroporto da Área Metropolitana de Lisboa.

2. O TERRITÓRIO DO MUNICÍPIO DE PALMELA – DEMOGRAFIA, ECONOMIA E SETOR VINÍCOLA

Palmela, com mais de 460 km², é o maior município em extensão da Área Metropolitana de Lisboa (AML), representando cerca de 15% do território metropolitano. Localiza-se na margem esquerda do Tejo, na Península de Setúbal, ocupando a área central desta 1134ub-região.

O Município é atravessado por infraestruturas viárias (ferroviárias e rodoviárias, designadamente autoestradas) que permitem ligações diretas a Lisboa, Setúbal e ao exterior da AML.

Conforme pode ser observado na imagem infra, e considerado as temáticas tratadas neste texto, no Município existem extensas áreas de vinhas, nomeadamente na sua área central e nascente, bem como várias adegas. Paralelamente, as duas hipóteses ainda em aberto para a localização do Novo Aeroporto de Lisboa (NAL), tanto a Base Aérea n.º 6, como o Campo de Tiro de Alcochete, situam-se muito próximo do Município de Palmela.

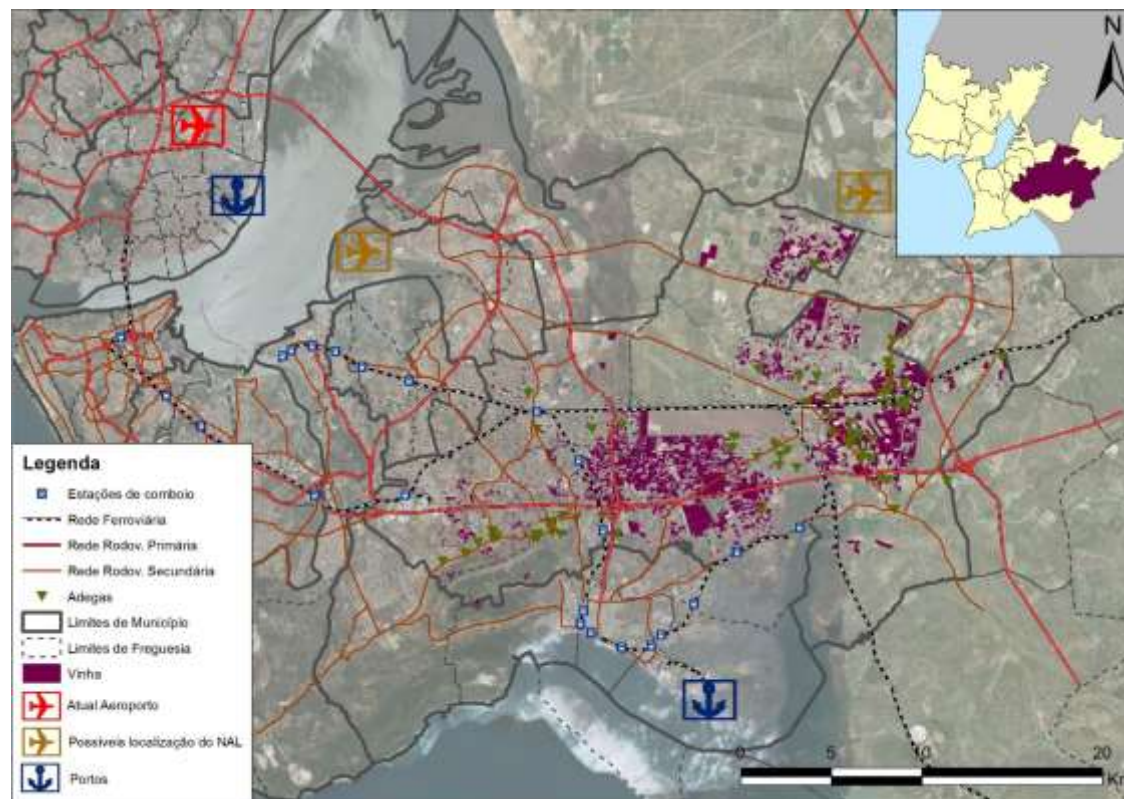


Figura 1: Território de Palmela – enquadramento, acessibilidades e vitivinicultura

No que concerne à evolução recente da população residente, 2011 a 2017 (ver Quadro 1), ao contrário do que ocorre na generalidade do país, Palmela tem vindo ainda a registar algum crescimento demográfico, crescimento esse ligeiramente superior ao da AML no seu conjunto.

Quadro 1: População residente por Local de residência

	2011	2017	Var. absol.	Var. relat.
Portugal	10542398	10276617	-265781	-2,5%
Continente	10030968	9779826	-251142	-2,5%
A.M. de Lisboa	2827050	2846332	19282	0,7%
Alcochete	17916	19505	1589	8,9%
Almada	173574	168987	-4587	-2,6%
Amadora	175738	181724	5986	3,4%
Barreiro	78574	75419	-3155	-4,0%
Cascais	207924	212474	4550	2,2%

Lisboa	542440	507220	-35220	-6,5%
Loures	201442	211359	9917	4,9%
Mafra	78233	84008	5775	7,4%
Moita	66125	64526	-1599	-2,4%
Montijo	52347	56887	4540	8,7%
Odivelas	147563	159602	12039	8,2%
Oeiras	172764	176218	3454	2,0%
Palmela	63412	64214	802	1,3%
Seixal	160237	166835	6598	4,1%
Sesimbra	49969	51559	1590	3,2%
Setúbal	120864	115758	-5106	-4,2%
Sintra	379786	388434	8648	2,3%
V.F. de Xira	138142	141603	3461	2,5%
R.A. dos Açores	247194	242846	-4348	-1,8%
R.A. da Madeira	264236	253945	-10291	-3,9%

Fonte: INE, Estimativas anuais da população residente

Também no que diz respeito aos indicadores referentes ao envelhecimento demográfico (conferir Quadro 2), a situação de Palmela é favorável, tanto em comparação com o contexto metropolitano, como em relação à realidade nacional. Não obstante, tal como ocorre nas referidas unidades territoriais supra, a situação em Palmela tem vindo a agravar-se.

Quadro 2: Índices de envelhecimento, dependência de idosos e longevidade

	Índice de envelhecimento		Índice de depend. De idosos		Índice de longevidade	
	2017	2011	2017	2011	2017	2011
Portugal	155,4	127,6	33,3	28,8	48,4	48,6
A.M. de Lisboa	135,8	119,7	34,5	29,0	46,2	45,6
Alcochete	95,2	78,0	24,8	23,4	47,1	43,9
Almada	152,6	131,9	36,8	31,4	47,6	46,6
Amadora	149,6	134,0	37,6	30,5	46,6	42,7
Barreiro	183,4	152,8	43,2	34,5	43,2	40,0
Cascais	125,6	104,8	31,6	26,8	45,2	44,8
Lisboa	177,6	197,1	51,1	43,9	53,4	54,0
Loures	135,8	117,2	34,1	27,4	43,1	40,0
Mafra	92,4	76,8	24,1	22,6	48,2	46,5
Moita	131,0	104,8	31,7	25,2	41,6	42,7
Montijo	100,4	96,1	25,9	24,7	46,9	46,1
Odivelas	125,1	112,9	32,2	25,4	42,8	39,3
Oeiras	153,9	127,7	39,8	31,0	44,9	44,5
Palmela	122,8	99,9	29,4	26,4	45,8	44,0
Seixal	122,2	93,7	29,2	22,2	39,8	37,8
Sesimbra	102,2	86,1	25,5	23,6	45,6	45,6
Setúbal	138,1	109,0	34,4	27,7	43,0	43,7
Sintra	103,4	79,6	25,2	20,4	42,3	41,2
V.F. de Xira	106,9	81,3	25,8	19,9	40,4	40,7

Fonte: INE, Estimativas anuais da população residente

Palmela, no contexto da AML, é conjuntamente com Lisboa e Oeiras, um dos únicos três Municípios com índice de polarização de emprego positivo (Quadro 3). Se no caso de Lisboa tal situação é explicada pelo efeito de capitalidade, que permite que este Município ofereça um elevado número de postos de trabalho, tanto privados, como públicos. No que diz respeito a Oeiras e Palmela, esta situação está relacionada com o dinamismo e importância do tecido económico instalado nestes municípios. No caso de Oeiras trata-se essencialmente de emprego no setor terciário, designadamente nos serviços. No que concerne a Palmela essa situação assenta em grande parte no setor secundário, nomeadamente na indústria, com destaque para a AutoEuropa e o parque de fornecedores associado.

Quadro 3: Índice de polarização de emprego por Local de residência (à data dos Censos 2011)

Portugal	0,98
Norte	0,97
Centro	0,96
A.M. de Lisboa	1,02
Cascais	0,76
Lisboa	2,32
Loures	0,76
Mafra	0,71
Oeiras	1,11
Sintra	0,64
Vila Franca de Xira	0,65
Amadora	0,70
Odivelas	0,50
Alcochete	0,88
Almada	0,77
Barreiro	0,67
Moita	0,50

Montijo	0,81
Palmela	1,03
Seixal	0,53
Sesimbra	0,60
Setúbal	0,93
Alentejo	0,98
Algarve	1,00
R.A. dos Açores	1,00
R.A. da Madeira	0,99

Fonte: INE, Censos 2011

Nas últimas décadas, a evolução geral da economia portuguesa e o esforço de modernização da agricultura nacional tem conduzido a uma forte diminuição da mão-de-obra agrícola (conferir Quadro 4). Palmela, à semelhança da realidade nacional, registou igualmente uma diminuição significativa, ainda que menor à da AML no seu conjunto, situação demonstrativa da importância que as atividades do setor primário ainda mantêm na estrutura económica e social do Município.

Na mesma linha de raciocínio, a evolução da superfície agrícola útil (SAU) demonstra que esta tem diminuído a nível nacional (ver Quadro 5). Não obstante, Palmela é uma das poucas unidades territoriais em análise que conheceu aumento da SAU nas últimas décadas (entre 1989 e 2009). Esta situação é demonstrativa da grande importância que a agricultura e a vitivinicultura têm no Município de Palmela.

Quadro 4: Mão-de-obra agrícola por Localização geográfica

	1989	2009	Var. absol.	Var. relat.
Portugal	1560990	708076	852914	-55%
Norte	567585	268083	299502	-53%
Centro	607650	244598	363052	-60%
A.M. de Lisboa	50665	17853	32812	-65%
Alcochete	1590	530	1060	-67%
Loures	4858	1302	3556	-73%
Mafra	11531	4208	7323	-64%
Moita	1591	611	980	-62%
Montijo	4823	1858	2965	-61%
Palmela	10371	4449	5922	-57%
Sesimbra	1305	465	840	-64%
Setúbal	2850	820	2030	-71%
Sintra	4879	1797	3082	-63%
V.F. de Xira	4510	1118	3392	-75%
Alentejo	166852	92003	74849	-45%
Algarve	57154	27070	30084	-53%
R.A. dos Açores	56858	27702	29156	-51%
R.A. da Madeira	54226	30767	23459	-43%

Fonte: INE, Recenseamento agrícola – séries históricas

Quadro 5: Superfície agrícola utilizada (ha) por Localização geográfica

	1989	2009	Var. absol.	Var. relat.
Portugal	4005573	3668145	-337428	-8%
Norte	778953	644027	-134926	-17%
Centro	827240	570003	-257237	-31%
A.M. de Lisboa	97243	87588	-9655	-10%
Alcochete	2260	3375	1115	49%
Almada	1152	424	-728	-63%
Cascais	1438	237	-1201	-84%
Loures	7241	4286	-2955	-41%
Mafra	15858	9286	-6572	-41%
Moita	2366	928	-1438	-61%
Montijo	10932	14983	4051	37%
Oeiras	1388	100	-1288	-93%
Palmela	23486	29189	5703	24%
Sesimbra	2867	1856	-1011	-35%
Setúbal	4771	2902	-1869	-39%
Sintra	10386	5147	-5239	-50%
V.F. de Xira	11481	13432	1951	17%
Alentejo	2039364	2152389	113025	6%
Algarve	136779	88297	-48482	-35%
R.A. dos Açores	118983	120412	1429	1%
R.A. da Madeira	7012	5428	-1584	-23%

Fonte: INE, Recenseamento agrícola – séries históricas

Paralelamente, a importância das propriedades de maior dimensão (iguais ou superiores a 50 ha) cresceu, tanto a nível nacional, como em termos metropolitanos e mesmo no Município de Palmela. De salientar que, no caso de Palmela, as

classes de maior dimensão da SAU já eram preponderantes, tendo reforçado significativamente a sua importância no período em avaliação (1989 a 2009, conferir Quadro 6).

Ainda que algumas culturas, tais como o vinho, possam apresentar uma boa rentabilidade em propriedades de reduzida dimensão. O crescimento das explorações de maior dimensão não deixa de representar uma oportunidade para melhorar a eficiência da atividade agrícola, nomeadamente em termos da redução dos custos fixos e dos ganhos de produtividade decorrentes das economias de escala que podem ser estabelecidas.

Quadro 6: Superfície agrícola utilizada (ha) por Localização geográfica e Classes de superfície agrícola utilizada

	1989				2009			
	Inferior a 1 ha	1 ha - < 20 ha	20 ha - < 50 ha	Superior ou igual a 50 ha	Inferior a 1 ha	1 ha - < 20 ha	20 ha - < 50 ha	Superior ou igual a 50 ha
Portugal	2,3%	35,6%	10,2%	51,9%	1,0%	23,3%	9,8%	66,0%
Norte	3,2%	69,2%	13,8%	13,7%	1,6%	55,9%	14,6%	28,0%
Centro	5,2%	59,1%	10,8%	24,9%	2,5%	45,1%	13,7%	38,7%
A.M. Lisboa	3,5%	47,2%	14,8%	34,5%	0,9%	26,3%	11,4%	61,4%
Alcochete	5,4%	46,3%	11,4%	36,9%	0,5%	11,2%	4,6%	83,6%
Almada	1,9%	66,5%	18,6%	13,0%	1,4%	93,4%	5,2%	0,0%
Cascais	1,3%	28,9%	16,1%	53,7%	0,8%	45,6%	26,6%	26,6%
Loures	4,4%	56,4%	17,4%	21,8%	1,1%	45,9%	14,4%	38,6%
Mafra	4,1%	73,4%	15,0%	7,5%	1,9%	64,6%	17,4%	16,0%
Moita	6,6%	43,3%	19,4%	30,8%	4,2%	66,6%	9,4%	19,7%
Montijo	2,7%	43,6%	11,3%	42,5%	0,2%	17,9%	9,5%	72,4%
Oeiras	0,4%	15,0%	23,1%	61,6%	0,0%	61,0%	40,0%	0,0%
Palmela	3,7%	37,3%	12,9%	46,1%	0,9%	19,9%	8,4%	70,8%
Sesimbra	2,1%	53,2%	7,4%	37,3%	1,1%	23,4%	16,4%	59,1%
Setúbal	6,6%	27,9%	14,4%	51,1%	1,3%	23,5%	19,6%	55,7%
Sintra	2,0%	54,2%	20,5%	23,3%	1,1%	49,9%	19,3%	29,7%
V.F. de Xira	2,0%	35,8%	14,8%	47,5%	0,3%	8,0%	9,7%	82,0%
Alentejo	0,3%	10,3%	7,0%	82,3%	0,1%	6,1%	5,4%	88,3%
Algarve	2,8%	57,9%	16,3%	23,0%	1,5%	49,0%	19,5%	30,0%
R.A. Açores	3,9%	52,1%	25,7%	18,3%	1,7%	32,0%	34,6%	31,8%
R.A. Madeira	72,2%	23,6%	2,0%	2,2%	67,5%	29,2%	2,2%	1,1%

Fonte: INE, Recenseamento agrícola – séries históricas

O crescimento do número de dormidas em estabelecimentos hoteleiros, entre 2011 e 2017 (ver Quadro 7), foi bastante elevado. Palmela, ainda que tenha tido também um crescimento significativo, ficou muito abaixo dos valores nacionais e metropolitanos, não tendo igualmente conseguido aumentar o seu peso relativo no total de dormidas a nível nacional.

Quadro 7: Dormidas nos estabelecimentos hoteleiros, por Localização Geográfica

	2011	2017	Var. abs. 2011-17	Var. rel. 2011-17	Peso rel. No Total 2011	Peso rel. No Total 2017
Portugal	39440315	65385210	25944895	66%	100,0%	100,0%
Norte	4547011	9008846	4461835	98%	11,5%	13,8%
Centro	4043543	6764282	2720739	67%	10,3%	10,3%
AM Lisboa	9027432	16695206	7667774	85%	22,9%	25,5%
Alcochete	7419	21230	13811	186%	0,0%	0,0%
Almada	238153	374634	136481	57%	0,6%	0,6%
Cascais	1190605	1589183	398578	33%	3,0%	2,4%
Lisboa	6419256	12553476	6134220	96%	16,3%	19,2%
Mafra	86636	174250	87614	101%	0,2%	0,3%
Montijo	29703	120132	90429	304%	0,1%	0,2%
Oeiras	215644	357024	141380	66%	0,5%	0,5%
Palmela	91006	103712	12706	14%	0,2%	0,2%
Sesimbra	117319	197457	80138	68%	0,3%	0,3%
Setúbal	203913	313003	109090	53%	0,5%	0,5%
Sintra	241747	539444	297697	123%	0,6%	0,8%
Alentejo	1243652	2487385	1243733	100%	3,2%	3,8%
Algarve	13979866	20207151	6227285	45%	35,4%	30,9%
RA Açores	1033525	1862351	828826	80%	2,6%	2,8%
RA Madeira	5565286	8359989	2794703	50%	14,1%	12,8%

Fonte: INE, Inquérito à permanência de hóspedes na hotelaria e outros alojamentos

No que concerne ao local de residência dos visitantes que fazem dormidas, os dados em análise têm demonstrado que a importância dos visitantes estrangeiros é grande e tem aumentado, nomeadamente em termos nacionais e metropolitanos (Quadro 8).

Em relação a Palmela, apesar da importância dos visitantes residentes no estrangeiro ter aumentado, o seu número é apenas ligeiramente superior aos visitantes residentes em território nacional.

Quadro 8: Dormidas nos estabelecimentos de alojamento turístico, por Localização geográfica e Local de residência

	2011			2017				
	Portugal		Estrangeiro	Portugal		Estrangeiro		
Portugal	13436555	34%	26003760	66%	18595681	28%	46789529	72%
Norte	2462932	54%	2084079	46%	3814341	42%	5194505	58%
Centro	2492601	62%	1550942	38%	3541275	52%	3223007	48%
AM Lisboa	2587844	29%	6439588	71%	3578629	21%	13116577	79%
Alcochete		-		-	12162	57%	9068	43%
Almada	116141	49%	122012	51%	104035	28%	270599	72%
Cascais	268459	23%	922146	77%	293227	18%	1295956	82%
Lisboa	1569757	24%	4849499	76%	2187767	17%	10365709	83%
Mafra	49156	57%	37480	43%	59168	34%	115082	66%
Montijo	19043	64%	10660	36%	79249	66%	40883	34%
Oeiras	129057	60%	86587	40%	143558	40%	213466	60%
Palmela	52065	57%	38941	43%	50707	49%	53005	51%
Sesimbra	65278	56%	52041	44%	86585	44%	110872	56%
Setúbal	116934	57%	86979	43%	174839	56%	138164	44%
Sintra	82853	34%	158894	66%	201749	37%	337695	63%
Alentejo	913753	73%	329899	27%	1630036	66%	857349	34%
Algarve	3772268	27%	10207598	73%	4332057	21%	15875094	79%
RA Açores	478685	46%	554840	54%	773871	42%	1088480	58%
RA Madeira	728472	13%	4836814	87%	925472	11%	7434517	89%

Fonte: INE, Inquérito à permanência de hóspedes na hotelaria e outros alojamentos

A análise por país de residência dos turistas que realizam dormidas em Palmela, revela que tem havido importantes modificações (conferir Quadro 9).

De facto, em 2011, os turistas oriundos da Suíça, dos Estados Unidos e da Irlanda eram os mais representativos. Já em 2017, os visitantes da China, de Espanha e da Suécia, assumem maior destaque.

Esta situação demonstra que os mercados turísticos assumem alguma “volatilidade” e “efeito de moda”, havendo pois necessidade de inovar e manter a divulgação e a publicidade, evitando a dependência excessiva do mercado de um ou outro país.

Quadro 9: Dormidas nos estabelecimentos de alojamento turístico do Município de Palmela, por país de residência dos turistas estrangeiros

	2011		2017	
	N.º	%	N.º	%
Estrangeiro	38941	100%	53005	100%
Alemanha	2723	7%	2606	5%
Bélgica	822	2%	897	2%
Brasil	2526	6%	877	2%
Canadá	25	0%	480	1%
China	671	2%	12334	23%
Coreia do Sul	185	0%	1847	3%
Dinamarca	274	1%	1687	3%
Espanha	940	2%	6711	13%
Estados Unidos	6943	18%	839	2%
França	1066	3%	4014	8%
Irlanda	3154	8%	350	1%
Itália	401	1%	1039	2%
Países Baixos	1550	4%	2213	4%
Reino Unido	1205	3%	3521	7%
Repúb. Checa	1837	5%	275	1%
Suécia	2309	6%	9083	17%
Suíça	8439	22%	478	1%
Turquia	686	2%	285	1%
Outros países	3185	8%	3469	7%

Fonte: INE, Inquérito à permanência de hóspedes na hotelaria e outros alojamentos

Em termos de produção vinícola, Palmela teve um crescimento na ordem dos 20% durante 2009 e 2018, valor bem superior a Portugal no seu conjunto que se situou na casa dos 3% (conferir Quadro 11). Situação que atenta a relevância socioeconómica, mas também cultural e identitária, que a cultura da vinha assume no Município de Palmela.

Em termos de volume de produção, os *vinhos com denominação de origem protegida* e os *vinhos com indicação geográfica protegida* são os mais importantes (Quadro 10). Contudo, os *vinhos licorosos com denominação de origem protegida*, designadamente os *moscatéis*, têm surgido como a grande “insígnia” promocional dos vinhos de Palmela e da Península de Setúbal, tendo vindo a receber numerosos prémios, distinções e menções internacionais.

Neste último campo, regiões tradicionalmente produtoras de vinhos licorosos, tais como o Norte (*Vinho do Porto*) e a Madeira (*Vinho da Madeira*) têm vindo a diminuir a produção, por oposição aos municípios da Península de Setúbal, Palmela, Setúbal e Montijo, com destaque para estes dois últimos (conferir Quadro 11).

Quadro 10: Produção vinícola declarada em vinho (hl) pelos produtores por Local de vinificação e Qualidade do vinho

	2009										2018									
	Total		Vinho licoroso c/denominação de origem protegida		Vinho c/denominação de origem protegida		Vinho c/ indicação geográfica protegida		Vinho c/ indicação de casta		Total		Vinho licoroso c/denominação de origem protegida		Vinho c/denominação de origem protegida		Vinho c/ indicação geográfica protegida		Vinho c/ indicação de casta	
	Mil hl	%	Mil hl	%	Mil hl	%	Mil hl	%	Mil hl	%	Mil hl	%	Mil hl	%	Mil hl	%	Mil hl	%	Mil hl	%
Portugal	589,35	100,0%	885,9	100,0%	213,23	100,0%	126,07	100,0%	3,9	100,0%	606,12	100,0%	890,6	100,0%	235,0	100,0%	198,62	100,0%	41,2	100,0%
Norte	237,37	40,3%	830,8	93,8%	122,12	57,3%	81,5	6,5%	0,5	12,8%	208,35	34,4%	824,4	92,6%	113,79	48,4%	35,3	1,8%	2,7	6,5%
Centro	161,03	27,3%	0	0,0%	400,8	18,8%	419,1	33,2%	1,1	27,7%	157,31	26,0%	12,2	1,4%	327,9	14,0%	848,6	42,7%	27,4	66,6%
AML	479,6	8,1%	13,4	1,5%	99,9	4,7%	190,1	15,1%	0,5	13,0%	601,6	9,9%	20,5	2,3%	173,2	7,4%	294,2	14,8%	1,3	3,2%
Loures	6,9	0,1%	0	0,0%	4,5	0,2%	1,8	0,1%	0	0,0%	2,7	0,0%	0	0,0%	1,8	0,1%	0,6	0,0%	0,3	0,7%
Mafra	102,1	1,7%	0	0,0%	0	0,0%	17,6	1,4%	0	0,0%	132,5	2,2%	0	0,0%	0	0,0%	82,7	4,2%	0	0,0%
Montijo	73,5	1,2%	1,5	0,2%	12,3	0,6%	53,7	4,3%	0	0,0%	93,2	1,5%	3,8	0,4%	20,4	0,9%	67,7	3,4%	0	0,0%
Palmela	209,4	3,6%	7,5	0,8%	78,5	3,7%	45,7	3,6%	0,4	9,7%	252,3	4,2%	10,0	1,1%	148,7	6,3%	36,8	1,9%	10,20	2,5%
Setúbal	85,3	1,4%	4,0	0,5%	4,4	0,2%	70,6	5,6%	0,1	3,3%	117,0	1,9%	6,6	0,7%	2,2	0,1%	104,6	5,3%	0	0,0%
Sintra	0,6	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	1,2	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	1,0	0,1%	0	0,0%
VF Xira	1,0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	2,0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0,9	0,0%	0	0,0%
Alentejo	134,71	22,9%	1,2	0,1%	404,3	19,0%	555,1	44,0%	1,8	46,3%	173,78	28,7%	0,8	0,1%	705,2	30,0%	790,7	39,8%	9,6	23,3%
Algarve	23,7	0,4%	0	0,0%	4,7	0,2%	11,8	0,9%	0	0,0%	17,0	0,3%	0	0,0%	0,9	0,0%	15,4	0,8%	0,2	0,5%
RAAçores	13,8	0,2%	2,6	0,3%	0	0,0%	2,8	0,2%	0	0,2%	13,3	0,2%	0	0,0%	3,4	0,1%	2,1	0,1%	0	0,0%
RAMadeira	45,4	0,8%	38,0	4,3%	1,3	0,1%	0	0,0%	0	0,0%	34,9	0,6%	32,7	3,7%	1,5	0,1%	0	0,0%	0	0,0%

Fonte: INE, Estatísticas da Produção Vegetal

Quadro 11: Produção vinícola declarada em vinho (hl) pelos produtores por Local de vinificação, Total e Vinhos licorosos com denominação de origem protegida

	Total				Vinho licoroso com denominação de origem protegida			
	2009	2018	Var. absoluta	Var. relativa (%)	2009	2018	Var. absoluta	Var. relativa (%)
Portugal	5893513	6061243	167730	3%	885930	890634	4704	0,5%
Norte	2373749	2083498	-290251	-12%	830758	824366	-6392	-0,8%
Montijo	73526	93225	19699	27%	1500	3792	2292	152,8%
Palmela	209363	252338	42975	21%	7522	9952	2430	32,3%
Setúbal	85335	117040	31705	37%	4022	6572	2550	63,4%
RA Madeira	45448	34880	-10568	-23%	38025	32676	-5349	-14,1%

Fonte: INE, Estatísticas da Produção Vegetal

3. MATRIZ SWOT

A análise da matriz SWOT (ver quadro 12) permite-nos concluir que a chegada de um novo aeroporto na margem Sul teria como pontos fortes o dinamismo e requalificação do setor vitivinícola e a criação de associações empresariais entre diferentes produtos (vinho e queijo) e entidades certificadoras. Permitiria não só a qualificação e divulgação dos vinhos, associados a outros produtos locais, através de prémios distribuídos no setor vinícola, e da organização de feiras e certames, e do reconhecimento pelo mercado nacional. Outro ponto forte prende-se com o incremento na área do alojamento turístico, aproveitando-se património já existente, assim como maior dinamismo na área da Restauração. Por outro lado, os pontos fracos ou fraquezas decorrentes do supramencionado prendem-se com o reconhecimento ainda insuficiente dos produtos vitivinícolas da região nos mercados externos. Constitui ainda uma fraqueza a presença pouco significativa dos vinhos locais em produtos *premium*, assim como o facto de não se produzir quantidade suficiente para mercados mais exigentes a este nível.

Quadro 12: Matriz SWOT – Município de Palmela – Enoturismo

<p>FORÇAS Dinamismo e requalificação do setor vitivinícola. Existência de associações empresariais (viticultura e ovinos leiteiros) e entidades certificadoras. Marcas reconhecidas pelo mercado nacional Feiras e outros certames de divulgação das produções vinícolas Historial de prémios no setor vitivinícola Setor de Restauração com algum dinamismo Património local com aproveitamento turístico em termos de alojamento Património paisagístico das unidades de produção vinícola</p>	<p>FRAQUEZAS Presença pouco significativa em produtos <i>premium</i> Reconhecimento nos mercados externos ainda aquém do desejável Volumes de produção podem condicionar o acesso a mercados mais exigentes no domínio das quantidades a disponibilizar</p>
<p>OPORTUNIDADES Articulação com o sector turístico Ligação vinho/pão/queijo como fator de marketing e identidade</p>	<p>AMEAÇAS Degradação ambiental por via da ação antrópica local (mudança de usos agrícolas e florestais para usos urbanos, industriais e</p>

<p>Procura induzida pelo Novo Aeroporto de Lisboa “Nichos de mercado” disponíveis para pequenas produções de elevada qualidade Potenciais usos múltiplos do enoturismo – oferta de produtos integrados envolvendo quer a componente vinícola, quer o alojamento, quer rotas paisagístico-patrimoniais</p>	<p>habitaçãois) Alterações climáticas e os seus efeitos no domínio da atividade agrícola Forte concorrência de produtores já reconhecidos pelo mercado e localizados em áreas contíguas a Palmela</p>
---	---

Fonte: adaptado de Câmara Municipal de Palmela (2018)

A chegada do Novo Aeroporto de Lisboa potencia uma maior procura turística e conseqüentemente possibilita a utilização múltipla do enoturismo e a sua articulação com a oferta integrada ao nível do alojamento e de rotas paisagístico-patrimoniais. A ligação entre produtos locais demarcados como vinho/pão/queijo constitui também uma oportunidade como fator de identidade e marketing o dinamismo na setor vitivinícola cria “nichos de mercado” disponíveis para pequenas produções de alta qualidade. No entanto, associadas a estas oportunidades e dinamismo surgem ameaças que não são de desprezar, tais como a degradação ambiental e paisagística por causa da ação antrópica local, uma consequência da mudança de usos agrícolas e florestais para usos urbanos industriais e habitacionais, assim como as alterações climáticas e os seus efeitos negativos no domínio da atividade agrícola. Também é de considerar, ao nível do setor vitivinícola, a forte concorrência de produtores já reconhecidos pelo mercado e localizados em áreas contíguas a Palmela, nomeadamente em Azeitão (Setúbal) e Pegões (Montijo).

4. ENTREVISTAS AOS STAKEHOLDERS

Das entrevistas realizadas, destacam-se as ideias-chave que a seguir se apresentam. Em primeiro lugar, apesar de a maioria dos decisores políticos ser mais favorável ao Montijo, esta localidade constitui um mero terminal de Lisboa, pelo que as pessoas deslocar-se-ão apenas para Lisboa. O decisor político entrevistado considera, assim, que a existência de um aeroporto em Alcochete alcançaria uma maior escala regional e nacional e potenciaria a vinda de turistas para a Península de Setúbal e Tróia. A existência do aeroporto em Alcochete beneficiaria de melhores acessibilidades rodoviárias e de mais vias circulares do que no Montijo que não dispõe das mesmas infraestruturas. Por outro lado, embora o Montijo surja como solução de recurso, não oferece garantias a longo termo. De qualquer dos modos, a localização de um segundo aeroporto da AML, na margem Sul, será sempre benéfica para Palmela e criará novos desafios, por exemplo, ao nível do impacto turístico.

No início deste ano, assistiu-se já a um incremento turístico, na ordem dos 6% das dormidas em Palmela, porém, a este nível, a oferta é ainda reduzida e não se deu continuidade a alguns projetos turísticos. Nota-se, contudo, que os investidores portugueses têm manifestado interesse em reabilitar algum património edificado no município e, por outro lado, a partir de determinado valor de investimento, os operadores turísticos procuram equipamentos e serviços que sejam diferenciadores (piscina, golfe).

Neste momento e a este nível, podem ser referidos dois exemplos interessantes: o projeto intitulado *Centralidade Arrábida* com visitas partilhadas a Setúbal e Sesimbra e o Projeto *Almenara* em que os turistas visitam o Município para conhecer não só o seu património histórico (com a visita ao Castelo de Palmela e ao Castelo de São Jorge, em Lisboa), quer a gastronomia e os vinhos nele produzidos. Assim, seria pertinente a criação de circuitos integrados, com a inclusão de um périplo pelo Município de Palmela.

Existe já um crescimento do Alojamento Local que regista uma boa ocupação e alguma especialização. Alguns alojamentos locais são mais orientados para o turismo de natureza que inclua caminhadas pela serra, enquanto outros apresentam uma oferta mais cultural e patrimonial. Também se tem assistido, na Restauração, a uma maior diversidade e qualidade na oferta, por exemplo, na requalificação dos restaurantes em localidades como Águas de Moura, que tinha muita restauração de “beira de estrada”, e que está a ser procurada aos fins-de-semana.

Embora já exista maior formação dos operadores, com a organização de eventos como *fins-de-semana gastronómicos* e a promoção de produtos locais, é necessário apresentar novas alternativas mais completas e diferenciadoras relativamente aos chamados “pacotes de fim de semana”. Estas alternativas poderão oferecer, além da dormida, uma oferta turística diversificada que inclua, por exemplo, o enoturismo, o turismo de natureza, a prática de atividades desportivas como o golfe, o turismo cultural, entre outras.

Fernando Pó constitui já um exemplo de localidade que se pode tornar num importante polo de Enoturismo pois possui uma grande extensão de vinhas e adegas significativas que requalificaram instalações para receber visitantes, como é o caso da Casa Ermelinda Freitas. De referir ainda que, em Fernando Pó, já existe um Alojamento Local associado à produção de vinho biológico e uma carreira de comboio, *Rotas do Sado*.

Assim, a aposta no enoturismo já existente, ao qual se possa associar outros produtos de origem demarcada como o queijo e a doçaria, assim como a valorização de castas locais, como a *Moscatel* e a *Castelão*, ainda pouca conhecidas internacionalmente, será de extrema importância. A este nível, a divulgação destas castas em publicações internacionais contribuiria significativamente para o (re)conhecimento das potencialidades vinícolas da região. Também a atribuição de prémios internacionais e a aposta no *benchmarking* de boas práticas em países como o Chile e a Argentina aumentariam a visibilidade dos produtores vinícolas de Palmela. Conclui-se, assim, que é fundamental a cooperação entre os produtores vinícolas locais, na divulgação dos seus vinhos e na capacidade de acolhimento de turistas e que a sua

captação logo à chegada ao novo aeroporto seria fundamental para o sucesso na divulgação dos produtos que a região produz.

5. CONCLUSÕES

Em termos de grelha geral de análise de impactos, partimos da proposta de Button e Taylor (2000) que menciona quatro tipos de impactos principais sobre a atividade económica, incluindo a atividade turística. Num primeiro momento, pensamos que os efeitos de perpetuidade constituem aqueles que, no médio e longo prazos, maiores oportunidades poderão gerar para o desenvolvimento do Enoturismo no território do município de Palmela. Em trabalho posterior, procederemos a um aprofundamento das conexões entre efeitos decorrentes da construção de um novo aeroporto e oportunidades para o território/atividade económica do município de Palmela.

A - Impactos decorrentes da construção de um aeroporto sobre a atividade económica, incluindo o Turismo (Button e Taylor, 2000):

1. Efeitos primários: são benefícios diretos e imediatos para uma região com vista à criação de novos serviços e/ou a expansão de outros já existentes;
2. Efeitos secundários: são efeitos a longo prazo, geralmente ligados a benefícios económicos locais das operações de serviços aéreos, nomeadamente em termos de emprego criado;
3. Efeitos terciários: são efeitos sobre a economia local, resultantes dos serviços de transporte aéreo à disposição de indivíduos e empresas;
4. Efeitos da perpetuidade: existem evidências empíricas de que o investimento em infraestrutura reflete-se na economia regional, elevando o nível de atividade e estimulando a produtividade e o crescimento económico;
5. No contexto da presente comunicação pretende-se apontar oportunidades geradas pelos impactos decorrentes da nova infraestrutura aeroportuária.
6. O trabalho efetuado (com base em pesquisa bibliográfica, recolha de elementos estatísticos, entrevistas a *stakeholders*) possibilitou a elaboração de um conjunto de primeiras conclusões que a seguir se apresentam – é importante mencionar, uma vez mais, que se está perante uma análise exploratória dado que este estudo é um *Work In Progress*. Deste modo, em trabalhos posteriores, iremos proceder a um refinamento e aprofundamento das análises através, nomeadamente do maior interrelacionamento entre grelha de impactos e oportunidades e diversificação dos *stakeholders* entrevistados. Deste modo, apresentamos as primeiras conclusões referentes ao quadro de oportunidades gerado pelos impactos decorrentes da construção do novo aeroporto.

B - Oportunidades geradas pelos impactos do novo aeroporto no domínio do Enoturismo em Palmela

1. Impactos sobre a atividade económica em análise (Enoturismo) de Palmela não depende da localização do novo aeroporto especificamente no Montijo;
2. Na opinião dos *stakeholders*, outras localizações na Margem Sul, por exemplo no Campo de Tiro de Alcochete) terão efeitos considerados como similares;
3. Impactos dependem, sobretudo, da capacidade de organização dos agentes económicos privados (empresas) e da sua mobilização para tirar partido das oportunidades geradas pelo novo aeroporto;
4. Importa oferecer “Produtos Integrados”, juntando fruição do património construído e paisagístico com gastronomia e enologia;
5. Políticas Públicas locais devem ser orientadas para a facilitação de contactos, formação de quadros técnicos, preservação dos valores patrimoniais e ambientais;
6. *Benchmarking* de boas práticas noutros países;
7. Possibilidade de captar turistas e visitantes “à saída do aeroporto”;
8. Reforçar rede de restaurantes onde combinar a gastronomia local com produtos vinícolas de Palmela;
9. Aposta em Produtos *Premium* mais orientados para “nichos de mercado”, tirando partido da afluência de visitantes com maiores padrões de exigência no consumo;
10. Reforçar Imagem de Marca de Palmela como Concelho Vínico;
11. Assumir a Casta Moscatel como referência de uma estratégia de *Marketing*;
12. Dar o necessário destaque a castas tradicionais da região de Palmela;
13. Aproveitar as dinâmicas geradas por programas como o *Tourism UP* ou o *Taste UP*.

REFERÊNCIAS

Abrantes, Jorge (2010), A Importância do Transporte Aéreo no Turismo: o caso dos voos *charter* para o Brasil, Dissertação de Mestrado,